

Pão Nosso . . .

Porto, 22 de Junho de 1910.

N.º 10

SUMARIO:

- I.—A «CHANTAGE» DO INDULTO.
- II.—AGUDEZAS D'ELREI.
- III.—AS BÓLAS DO MOTU-CONTINUO.
- IV.—O CONGRESSO MUNICIPALISTA.

A «chantage,, do indulto

Corro a salvar-te.—O continuo sindicante e dois mestres modêlos.— Como se assassina a geração nova.— O dr. José de Magalhães pré-gando a pretos.—Puxando a quatro.

Todos nós a pensarmos que os Herodes do liceu D. Manuel II traziam o figado entresachado de lascas de pederneira e no coração um matagal de cerdas de javali! Fusco argueiro nos enoitecia o olhar! Enganos serodios nos toldavam a claridade do juizo!

São Herodes de vaselina e estopa; suam bondade como os pinheiros lagrimejam resina.

A degola das 191 vitimas apenas lhes servia de pretexto ao salvamento da monarquia. Ainda no socaleo do altar dos sacrificios, fresco vermelhava o sangue das ovelhinhas degoladas, e

já o reitor, em corrimaça furiosa se abalava para a beira do trono real, implorando o indulto.

Mas, azar dos azares! Abicado a Lisbôa, visaram-lhe o passe da volta, com esta sentença: «Os senhores cometeram asneira graúda. Meta a petição nas trazeiras da rabona, regresse aos bordados a missanga e aos trinados de bandolim em que é chavão, enquanto se vae examinar o processo academico.» E, com os arreios desluzidos, reentrou no Porto o digno reitor que ao integerrimo sindicante (até integérrimo lhe chamaram! que mendicidade dê calão!) e aos restantes sargentões do professorado houve de esclarecer:

— «Vae perdida a monarquia. Sua Magestade, o nosso adorado mimalho, encontra-se coacto! Nem o direito de perdoar lhe concedem exercer! Corja!»

* * *

O plano estrategico do conselho escolar brotara inteiriço dos cascos mentaes d'Evaristo Saraiva e Bonifacio, isto é, saíra do escaravelho bosteiro mais da maçã do escaravelho. Organizaram um processo no qual, contra os rudimentos da jurisprudencia, bastava o depoimento duma só testemunha, para fazer prova plena.

Assim, um continuo da casa que tem o vezo d'andar como uma uva, tratou de se desforrar dos estudantes avessos a regar-lhe os gorgomilos com dois dedos do tinto. Cada quartilho a menos rendia um mez d'exclusão de todos os liceus.

O sr. Joaquim dos Musicos, erudito que nunca trouxe o relógio cerebral apontado, e que nos ultimos tempos arvoou de todo, queixou-se de que avistara nas alas d'alunos centenas de Camilos Castelos Brancos! Queria o homem exprimir na sua linguagem de trapos, que ouvira assobios.

Um padre Albino Coelho, denunciante de republicanos, lojista de participios francêses, a mais cabal negação de linguista e de filólogo que pelas cadeiras professoraes passou, alegava queda banda de fóra das aulas, lhe apuparam a pedagogia.

Evaristo encêleirava as declarações, averiguando-se com Bonifácio nos rigores da disciplina.

Este, nas cumeadas do talento, com bico de ser gente, apoiava: — «Vae bem a coisa. Racha-se tudo. Depois acodem os paes ourinando lagrimas, e nós crescemos em importancia. Eu cá sou duma só peça, sem gonzos, cimento romano e cantaria rija.»

Os outros resmuneavam: — «Requer-se um indultoquinho, o Rei concedé, e temos ahi manifestação realenga d'arrebenta-boi: *Te-Deum*, mensagem florida, sermão de graças, cortejo, sessão solene e confissão geral. Se os fenianos dessem licença, incluia-se mais este numero no programa da feira-franca.»

Quando a imprensa, que o reitor cria ter fechada no punho, como o alfaiate da Praça-Nova lhe encerrou o concurso da Escola-Médica dentro da casaca, abriu rufo sobre a rilada dos professores, o instrutor do processo ejaculou esta:

«Talvez no processo haja reos, condenados por engano. Lapso de copia, ninharias.»

Logica de cavalhariça, que reclama tratamento aturado de cilha, albardão e retranca!

E se um pae insofrido lhe applicasse o corretivo ganho, desculpando-se no fim: — «Foi lapso. Cuidei que castigava um homem, e saiu-me um Evaristo. Erro de copia da natureza!»

*

* *

Com professores e educadores desta pôlpa, isentos de bofes, de sciencia e de consciencia, os resultados preveem-se.

Consideram os estudantes como um ramo aparte da humanidade: — é o animal d'exames. Escôam-se ali os annos, numa inutil educação verbalista, a arte de aprender e repetir as mesmas palavras e os mesmos gestos, como os recrutas na parada do quartel,— meia volta á esquerda, márrche... meia volta á direita, áalto...

Decora-se e recita-se. Os processos pedagogicos resumem-se

nó metodo de cloroformisação dos espiritos. Sae-se daquella escola para a outra grande *escola da vida*, em muletas. Dest'arte se prepara um povo eminentemente pecuario.

Os professores das Escolas superiores, aquelles raros que se preocupam com o problema do ensino, lastimam-se que ao cabo de 7 annos de liceu, os alunos lhes apareçam, crassamente ignorantes, odiando os livros e a leitura, marcados duma profunda incuriosidade intellectual.

Não fazem ideia alguma do que seja um metodo, e nenhuma ideia geral, por tenue que seja, trazem sobre qualquer sciencia. Não sabem pensar de conta propria, pois que em todo o seu tempo d'estudos, o dogmatismo do mestre, a mnemotecnia, e a preparação mecanica os afastaram da reflexão. Nem observam, nem interpretam os factos.

Quanto aos caracteres, ou se afirmam incolores, ou se comportam relevo e côr, é o cunho jesuitico, hipocrita, astuciosamente servil, redondamente velhaco, que os vinca.

As gerações novas vertidas em taes moldes, submissas e frustes, sem criterio proprio, emparedadas em muralhas de palavras, no vasio dos conceitos ôcos, rojam-se pela vida publica, proseguindo o ensaio de comunismo burocratico em que temos vivido.

*

* *

Curioso seja que, a par de ocorrencias deploraveis como a que estamos polvilhando de considerações improficuas, lavre pelas terras portuguezas, uma borrasca de queixas, sobre alcantis de queixas. Grazina-se:— O problema da instrucção! o problema da educação! o problema pedagogico! o espirito moderno! o espirito scientifico! oh! ah! oh!

E num bubão da embofia lusitana que purulejou em Lisbôa —o *Congresso Nacional*,—apresentou o sr. José de Magalhães uma tese, merecedora de melhor sorte, sobre o assunto que tanto berreiro provoca nos nossos filosofantes de 1.^a classe, chapeo alto e vacuo absoluto.

Pois succedeu o seguinte, como na *Luta* o proprio relator, entre amargo e desdenhoso, confirmou, como no *Mundo* um editorial confessava, como noutras folhas diversos congressistas repetiram: — «Ninguem estava preparado para mastigar o miolo da tese».

Os papagaios universitarios, os curandeiros, os sabios enciclopedicamente estereis, os conferentes em grande emprenhido de emolientes salvaterios, mal ouvida a leitura do trabalho do sr. José de Magalhães, resumaram agua quaes aboboras porqueiras em manhã d'orvalhada. Mas nada arrancaram dos camarins do pensamento. Nem mesmo pevides!

Era um capitulo de frades borras escutando uma demonstração da existencia de Deus. Não entendiam pisca. Como os alquimes da retorica não pegavam no relator, alombaram no silencio da ignorancia.

Porém, d'ahi a dias, um banquete de congratulação reunia os empreiteiros do Congresso, porque, se em França tudo finda em cançoneta, em Portugal tudo acaba por jantar.

Os quaes empreiteiros, como succede no fim duma recita d'amadores, declararam que a esturdia os divertira soberanamente. Quatro d'entre elles, quatro robustas estacas, no momento de comungarem o assado, mutuamente se ungeram intelligencias olimpicas, sistema de vasos espirituaes comunicantes.

Foram os srs.: — Fernando de Sousa, pessôa que sabe ler e escrever, fanatico estreito e entaipado, intelectual de via reduzida; dr. Reis Santos, irmão leigo de Santo Inacio de Loiola; Jacinto Candido, famulo do nuncio e Consiglieri Pedroso bacir-rabo de D. Manuel.

Um maravilhoso quadrilatero de farçantes, que parecem fugidos das catedras do liceu do Porto, onde sobre a gafeira dos mestres se inxerta a sarna do indulto.

Quem os esfregara com unguento de soldado!

Agudezas d'Elrei

O cigarro do Matias, e o rapé de D. João VI. — As frases celebres... dos cronistas. — Um traço do espirito de D. Manuel.

Segundo narraram os papeis, a Majestade do senhor D. Manuel II, luzia no Hipodromo de Belém toda a subtiliza d'engenho da dinastia. Decorreu assim o momento historico:

Havia bufurdio de ginetes que á redea solta picavam a retaguarda dum inimigo imaginario. Sua Majestade, que é da essencia guerreira de D. Afonso VI, trazia nos camarotes de seus olhos o panorama de crúas vitorias. De sopapo, descerra os labios, e acurva-se o estado-maior para apanhar dos chãos, as perolas que da regia bôca iam manar. Então a Majestade inclina a sua grandeza sobre o ministro da guerra, e alivia-se:

— « O' Matias, dá-me um cigarro ».

E' um rasgo de genio, um assombro d'espirito! Nem os sarcasmos de Camilo, nem as ironias de Eça de Queiroz tinham brasa mais viva!

Por mim estou que El-rei tal não inventou. Atribuiram-lhe a frase, pois sempre os cronistas palacianos, trapaceiros como os discursos da corôa, amoedaram lisonjas, fabulando ditos agudos que nos monarcas encabeçavam.

De todas as genialidades que correm sob o capote de D. João VI, uma só cremos autentica.

Vivia no Paço uma preta ladina, que mal descobria na sombra dum corredor a pança imperial do soberano, lhe tregeitava gaifonas. Fingia o rei não dar pela existencia da irrespeitosa serva.

Um dia, porém, ella despediu em direção ao regio vulto, não sei que gesto symbolico, figurando os paus dum toiro ou a armadura do cabrão.

D. João VI, tomado dum repelão de colera, corre sobre a negra, puxa-lhe uma roda de pontapés, mais valentes do que

se ella fôra a soberania nacional, e berra lhe no entremeio da sova todos os sinonimos profanos de Santa Maria Madalena. Segundo corre, o glossario do rei abarrotava de farto nesse particular.

Mas jámais memorialista secreto aventou que D. João VI, nas idas e voltas de Mafra, tendo-se-lhe esgotado o faritel do rapé, se dobrasse sobre um ministro dizendo-lhe:

— «O' Matias: dá-me uma pitada».

E olhem que na côrte d'então, os Matias não haviam de faltar.

*

* * *

E' sina dos reis estopar a posteridade com sentenças que nunca proferiram. Quem nos abona a autenticidade da frase de D. João II, no preludio de sangrar pelas costas o duque de Vi-seu — «Primo! Que farias tu a quem te quizera matar?» E de que serviriam os intimos, se não bordassem de anedotas verosimeis os actos e feitos dos monarchas?

Chegam mais tarde os turiferarios, e brunem a lenda, esbarbando-lhe as saliencias, vestindo-a de pechisbeques.

Rico interprete da historia era aquelle coronel Ramollot, sintese de novela da crassa bestidade tarimbeira, que no seu caderno de lembranças registava as palavras de Henrique IV, com o fim de as repetir, quando desabrochasse a occasião de heroismos. Mas o coronel transcrevia-as desta forma:

Si j'avance reculez-moi; si je recule avancez-moi; si je meurs, tuez-moi!

Com o devido respeito, isto é de maior porte do que — «O' Matias, dá-me um cigarro.»

Eu não tenho o preconceito de que todos os principes, só por nascerem principes vêem estupidos, nem que todos os cavadores sejam super-homens afogados no suor proletario.

Porém, o sr. D. Manuel abusa do talento. Ao anuviar-se-lhe a mente com o cansaço dos negocios d'Estado, expele conceitos hiper-transcendentes.

Quando foi a sua primeira vinda ao Porto, estava o ceo entroviscado, e a momentos, borrifos de chuva salpicavam as vidraças da carruagem-salão. De cada vez que uma lufada de vento assobiava mais alto, fustigando o aguaceiro, Sua Majestade volvia um olhar d'angustias pela paisagem, exclamando:

— «Ai a chuva, que ficam as festas estragadas!... Que desgraça!»

De quarto em quarto d'hora, cortando o silvo da locomotiva, lá subia o lamento:— «Ai a chuva! ai! que ficam as festas estragadas!»

Nas escassas paragens do expresso, vinham os magotes das autoridades e dos amigos das horas prosperas, depôr aos pés do rei os protestos d'estima, dedicação e sacrificio que ninguem percebera nos dia mais chegados ao regicidio. Sua magestade, tão depressa se descartava dos subditos, retomava a choradeira no mesmo ponto, e insistia no refrão:— «Ai! a chuva! ai! que se estragam as festas!... Que desgraça!»

E, nunca, durante o trajeto de Lisboa ao Porto, Sua Magestade obteve da sua tropical fantasia de moço braganção, outro pensamento. Nem mesmo um padre-nosso á Virgem da Bonança!

Ora, neste mundo, toda a gente tem o sagrado direito de ser estúpido, menos um chefe d'estado. Um cidadão construido de pedra e cal, prejudica-se a si proprio.

Um rei de cabeça dura, a todos nos prejudica. As amostras da mentalidade do snr. D. Manuel, até hoje, não valem a mortalha do cigarro do Matias.

Seu pae D. Carlos, extremou-se do vulgar, tanto na vida como na morte. E nós baixamos da tirania dum despota, para o despotismo parvo dum rapazote, ermo de pêlos no queixo e ermo d'inteligencia. Avantajado lucro!

Passar de cavallo a... andar a pé.

As bólas do motu-continuo

O inventor Avelino quebra os queixos á sciencia contemporanea.— Os sabios ás canhas.— Belchior, Ferramenta, o padre Himalaia e o padre Miguel Rodrigues.— O peso da alma pelo dr. Duncan Mac-Dougall.

Que transformações traria para o mundo inteiro, a solução mecanica do problema do *motu-continuo*? Uma revolução geral na sciencia e na industria. E como a cada profunda revolução industrial (assim succedeu com a generalisação das maquinas a vapor), corresponde uma profunda transformação economica, teriamos igualmente uma intensa revolução social.

Com pasmo de desencultrar as maxilas, vi no *Mundo* que a assombrosa descoberta acabava de realizar-se: Um artista portuguez, o snr. Avelino Antonio Soares Belo, habil em ceramica, acabava de resolver o insolúvel. Já tirara patente d'invenção, dando quinau em todos os sabios e inventores do universo. Bem precisados andamos dum tortulho de Fulton, para nos descoimarmos da ignorancia coletiva!

O inventor não faz segredo do aparelho. Um tambor, que gira num eixo, que move uma roda, que mexe engrenagens, que acionam um elevador, que conduz umas bolas, que caem no tambor. Assim era o gato, que papa o rato, que roe a corda... etc.

Ora ahi está. Perceberam? O *motu-continuo* resolvido com meia duzia de bólas!

E aquelle toleirão do Helmholtz, sabio de tres ao vintem á vista do nosso Avelino, a demonstrar que a lei de Newton da equaldade da ação e da reação, incluia a impossibilidade do *motu-continuo*!

E toda a *Energetica* moderna, baseada no principio da *Conservação da energia* de Mayer e Joule, e no da *Degradação da energia* de Carnot, — fulminada pelo raio do Avelino! O portuguesinho valente, quando se arroja a descobrir novos

mundos, só pára no pólo do Infinito! Um tambor, duas bólas, e o verso de Camões: «Se mais mundos houvera, lá chegaram!»

O peor, ó Avelino amigo, é que o motu-continuo que tu redescobriste, já estava descoberto! Quem o afirma?

Aquelle Lemoine, que fazia diamantes artificiaes como quem faz meninos, e que os tribunaes francêses meteram na cadeia, por que elle só fabricava o diamante com punhados de notas bancarias... dos outros.

Entrevistado pelo jornalista Ludovic Naudeau, acerca de seus estudos e trabalhos, Lemoine incidentalmente esborrachou o homem das folhas com esta:

«O *motu-continuo*? E' duma simplicidade infantil! Aliaz já existe em Budapest, onde um relógio perpetuamente dá corda a si proprio por meio de dilatações e contrações sucessivas duma columna de mercurio. Por exemplo, sempre que se utilisarem, servindo-se duma chaminé, as diferenças da pressão atmosférica entre duas altitudes, está obtido o motu-continuo. *Voilà.*»

Tal e qual nas finanças portuguezas. Lança-se o emprestimo para consolidar a divida flutuante, e cria-se mais divida flutuante para se obter outro emprestimo.

Outra receita: — Ata-se um chouriço á cauda dum cão, que a tenha curta. Volta o bicho o focinho para abocar o chouriço, mas ao revirar-se, os quartos trazeiros rebolam para a banda, e ahí começa o cão a girar sobre si mesmo, com a gula nos queixos e o bocado apetecido sempre a fugir-lhe no horizonte. E' o corropio perpetuo!

*

* *

A sciencia da casa e a imaginação creadora, não vão alem dos Avelinos. O boticario Belchior metido a aeronauta e acabando numa tragedia louca; o marceneiro Ferramenta, engenhoca da direção dos balões, e rematando por uma intoxicação mortal de hidrogeneo que absorvera na sua innocencia; o Padre Himalaia inventando um explosivo aterrador, milhão de vezes mais forte que a ximose dos japões, e a comissão que o

experimentou declarando que o terrificante explosivo dava um excelente pó de limpar os dentes; outro padre Miguel Rodrigues descobrindo minas de radio nas alturas de Trás-os-Montes, e afirmando que, de noite, se viam kilometros da serra a arder!

E' a patria dos curiosos. Parece que descendem todos do lendario mecanico alemão que fabricou uma perna tão perfeita que passeava sósinha pelas ruas.

Um dos problemas matematicos que mais aporrinhou sabios e amadores, foi a quadratura do circulo. Ha 2:000 annos que as pretendidas soluções enlouqueciam quem as lêsse. Até que o matematico contemporaneo Lindemann, partindo dos trabalhos de Hermite sobre a transcendencia do numero e , estabeleceu a impossibilidade de tal quadratura.

Pois desde que elle apresentou essa demonstração, o Instituto de França apenas recebe annualmente umas 40 soluções do problema provado irresolovel!

E não vimos nós João de Deus, alto poeta e grande pedagogo, embrenhar-se tambem pela triseccão do angulo, outra impossibilidade, e remeter a *sua solução* em consulta a Mariano de Carvalho, que o reenviou delicadamente á competencia do sr. Gomes Teixeira?

*

* *

Refervem, dia trás dia, descobertas que deixam um cristão tolamente gá-gá. No *Journal of the American Society for psychical researches*, de maio de 1907, li com estes, que por milagre se não vasaram d'espanto, a minuciosa descripção das experiencias praticadas pelo norte-americano dr. Duncan Mac-Dougall, para achar o *peso da alma*. E o inaudito do lance é que o doutor achara! Uma media de 21 gramas, peso da alma immortal e imaterial dum crente!

Bem dizia o nosso Fr. Diogo Ximenes: — « Vale mais uma onça de espirito, que dez quintaes de carne ».

O metodo que o dr. Mac-Dougall applicava, consistia numa singeleza unica. Tomava-se o moribundo, que préviamente dera

o seu consentimento, e deitavam-no sobre um leito colocado num dos pratos duma gigantesca balança de precisão, perfeitamente equilibrada.

Punha-se o doutor á cóca. Olho no fiel da balança, olho no paciente filisteu.

Exatamente ao despedir o derradeiro alento, quando o ultimo sôpro se evolava, zás, o fiel da balança, dum salto, accusava uma diminuição de peso variando entre 14 a 28 gramas. Era como quem larga lastro!

Insistia o dr. que nem ao despejo subito da bexiga ou do intestino grosso se podia attribuir o brusco disequilibrio, porque esses restos da animalidade medrosa, se abandonavam a venda, comtudo na mesma cuia do aparelho ficavam. Por conseguinte, era a alma batisada, desbocando-se com o freio nos dentes, em direitura ás regiões etereas. E ahi tinham a prova scientifica da immortalidade da alma! Aqui está um doutor que cudi-lha todos os Avelinos.

Acrescentava o experimentador norte-americano, que havendo levado as suas observações até á humanidade canina, quando um cachôrrro expirava, imovel ficava a balança. Nem meio miligrama d'alma. Coisa soberanamente incomoda, porque se na outra vida nos não acompanham os cadêlos, quem nos hade por essas campinas celestes guardar dos governadores do Credito Predial, emboscados nos pinhaes que orlam a via lactea?

*

* *

E de bólas do motu-continuo, até ás bólas animicas, acerca-se a manhã de se realisarem os desejos daquelle occultista que trabalhava por extrair o centro de gravidade, aos corpos. Com um saca-rolhas de platina, fino, muito fino, finissimo mesmo, longo, muito longo, compridissimo, a operação guiava-se a bom termo.

Feita a extração, deixavam os corpos de ter peso. Ficavam mais leves do que as almas imortaes do dr. Mac-Dougall. Qual-

quer de nós entrava em casa, e prescindia de cabides. Tirava o casaco, as botas, o chapeo, e dependurava-os... no ar. O peor era para sair á rua. Podiam as vestimentas abalar pela atmosfera. Mas o caso tinha remedio. Metiam-se calhaus nas algibeiras. Se já ha quem os traga na cabeça!...

O Congresso Municipalista

Um congressista bibliofobo.—A falta de sinceridade.

A's horas a que estas linhas são traçadas, noite bochornosa de domingo, apenas conheço pelo extrato dos jornaes, o que se passou no 1.º dia do congresso.

Produziu-se, claro é, a alocução espaventosa do snr. Candido de Pinho, reedição *ne varietur* do dr. Pomposo. O snr. Candido de Pinho, ajudante do governo civil sempre que se trata duma subserviencia ao rei, desovou em estilo d'oração de sapiencia, a sua erudição camararia de Manual do cosinheiro.

Ao socialismo municipalista inglês, nascido em Birmingham, chamou *imperialismo*, provavelmente por a cidade de Birmingham ser designada nos livros classicos alemães de *Sciencia municipal*, como uma republica bem governada. Adeante. Terei de voltar ao ponto, quando o Congresso findar.

Na primeira sessão apresentou-se a tese do snr. Xavier Esteves sobre viação publica. Ninguem a discutiu. Apenas o snr. dr. Adriano Antero declarou que não vinha preparado para a sabatina.

O resto da assembleia nem tugiou nem mugiu. Ou todos conhecem o assunto como as proprias mãos, ou, á certa, todos estavam como o snr. Adriano Antero.

Passou-se á tese do sr. dr. Correia Pacheco, sobria, concreta e sem atavios, como devem ser os estudos dessa ordem. Salientou-se um preopinante, segundo era usança chamar-se-lhe no

seculo passado, que pelo acerto de seus dizeres, por força é bacharel.

Reprovava elle a leitura nos domicilios, dos livros das bibliotecas populares. Era anti-higienica. Ninhos de microbios.

Estão a vê-lo. Quando este cavalheiro vae ás compras, se não lhe dão de troco, notas saídas naquelle instante das maquinas d'impressão, ou moeda passada por autoclave, atira o dinheiro á rua. Nada que traz bicho!

No hotel, irremediavelmente, jamais prova o pão. Sabe-se lá por que mãos andou a codea! Os seus caldos apuram em sublimado corrosivo, e aos bifes rodeia-os com molho d'acido fenico!

Tem razão o congressista. Ler é infeccionar-se. Que a morte o recolha, virgem de letra redonda.

*

* *

Ora eu não avalio as restantes téses, pelo motivo simplista de ainda as não conhecer. Prefiro imaginá-las obras de rasgado saber, vasto conhecimento da materia, copiosas d'informes, ponderadas nas conclusões.

Em Portugal, o ramo literario massador das téses e relatorios, foi cultivado com esmero, creio que desde as apocrifas côrtes d'Almacave. Ha-os que parecem monumentos goticos, outros semelham uma glosa á *Summa* de S. Tomaz d'Aquino. Mas nisso não está a questão.

Podem ali exprimir os votos de que taes e taes atribuições devem ser da competencia privativa dos municipios. Podem chamar ao concelho a celula da nação. Podem assegurar que, atrofiada a iniciativa comunal, falecem os restantes organismos nacionaes.

E depois? Que resulta de tudo isso? Nada, pela palavra nada.

Foi o centralismo monarchico que destruiu a vitalidade dos municipios, foi a reacção do regimen que os anulou. No salão do

Congresso todos sabem isto, desde o vereador que vem da lavoura, ao que vem da Universidade.

Por conseguinte, o primeiro problema a estudar, seria a fórma pratica de alcançar as liberdades perdidas. Ora a liberdade não se mendiga do senhor que a roubou. Conquista-se.

Ganha-se lutando, e não confiando desejos a petições de que ninguem faz caso.

Arredá! — clamaria a mór parte. Isso era pôr na tela do debate a questão politica!

Naturalmente. Pois se ha uma só fórma de remediar os males de que sofrem, e lograr as liberdades a que aspiram, porque não seguem o caminho unico? Por não concordarem? Então que vieram cá fazer? Para que serve esse mercado de palanfrorio? Para que andam a azoinar-nos os ouvidos com descargas cerradas de discursos?

Estamos em desbordamento de congressos, desde que minguou a levada dos centenarios. Continuando assim, dão cabo das romarias minhotas com a nova industria.

Caraterisa-se o movimento pela sua esterilidade e insinceridade. Fazem mais: tratam as questões contrariamente ao senso comum, porque as colocam fóra do tempo e do espaço. Nós vivemos dentro duma monarchia em deliquescencia, que sobre nós enxovalhar, nos ladrôa e nos oprime. Os congressos, para tudo correr entre abraços e beijos, fingem ignorar essa monarchia. A fórma de resolver problemas, suprimindo-lhes os dados, só em Portugal.

Um condiscipulo meu, ao darem-lhe para resolver num exame, um sistema d'equações do 1.º grau a duas incognitas, achou o valor de x . E o valor de y , — perguntaram-lhe? Rapazes, o y perdi-o no calculo.

Os senhores não perdem o y , perdem o tempo, e fazem perder aos alheios as energias e a confiança.

No ensino jesuitico dominava uma maxima: *Questiones de Deo praetereantur*, passem-se em claro as questões acêrca de Deus. Jesuitica maxima agora anda a trote pelo paiz:—Afastemos a politica da discussão.

Entrementes, a questão politica acerba-se, ruge num crescendo furioso, e ameaça subverter a nacionalidade. Os que se negam a fazer politica, com a sua mesma recusa fazem politica a favor do existente.

— «Mas na Inglaterra — insistem os teimosos por interesses politicos — na Inglaterra que é uma monarquia, as liberdades municipaes. . .»

Não precisam de rematar a tirada. Nós não estamos na monarquia britanica, estamos na monarquia portuguesa. Cada problema politico, administrativo, ou social, se põe de maneira diferente em cada epoca, e em cada paiz.

São capazes de resolver a questão das liberdades municipaes dentro do regimen? Tão impotentes se confessam que nem no assunto querem tocar. Então para que se reúnem? Para montar uma sucursal da Real Academia das Sciencias? Para ginas-tica da lingua? Para empatar?

Conduzam os votos do Congresso ao parlamento ou ao governador civil. O mesmo dá. No governador civil manda o ministro, no parlamento o ministro manda. E hoje, mais que nunca, os ministros são escravos do poder real, que desde a revisão dos foraes no reinado de D. Manuel I, para a corôa transferiu as regalias dos concelhos. Pois em vez de cortarem a corda da fôrca, os congressistas entreteem-se a repetir que o calibre aperta.

Que lhes faça bom proveito!

